Ano 29.º

Sábado, 23 de Maio de 1936

N.º 1424

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Revolução Nacional

—o—

Aproxima-se a data de 28 de Maio e tudo se prepara para que o X aniversário da Revolução Nacional, constitúa, nas suas comemorações, um acontecimento marcante e digno do mais alto relêvo.

De facto, de outra forma não podia ser.

O 28 de Maio não foi em Portugal mais uma arruaça, mais um chinfrim da categoria daquêles muitos outros que durante anos e anos ensanguentaram a terra portuguêsa. Não foi, tão pouco, mais um levantamento militar em que uns tantos oficiais, arrastando os seus subordinados para aventuras sem ideal nem norte, tivessem vindo para a rua deitar abaixo um Govêrno para substituir por outro igual. Muito menos foi a arremetida dum partido contra outro partido.

Em 28 de Maio foi o Exército, espelho vivo das virtudes da raça, que dando ouvidos aos clamores que, de lés-a-lés enchiam a terra portuguêsa, soube pôr termo a uma política nefasta onde os êrros caminhavam a par e passo com os negócios e os crimes que viviam de gorra com a impunidade. Foi o Exército, que, cônscio da sua missão e lembrado que, se lhe cumpre defender a Pátria do inimigo do exterior não menos lhe compete salva-la dos inimigos do interior, se levantou em novo grito de guerra, que devia no entanto transformar-se em brado de paz, para, mais que um Govêrno, mais que um partido, mais que um grupo de homens, substituir um regime que estava a fazer a desgraça e o descrédito do país. O parlamentarismo, o regime liberal, de tão má memória, fóra de tôda a tradição nacional, alheio a todos os verdadeiros e sacrosantos interêsses pátrios, foi a enterrar em 28 de Maio.

Todavia, a Revolução, que havia de mudar completamente os destinos nacionais, dar-lhe nova rota, rasgar-lhes novos horisontes, fez-se—não é demais lembrá-lo—sem um tiro, sem uma morte que porventura pudesse empanar o brilho da vitória.

Vencemos!

Vencemos, todos os que andávamos empenhados na cruzada de guerra sem tréguas à demagogia hedionda e criminosa.

Vencemos, todos os que batalhávamos, dêsde há muito, por uma Pátria melhor que correspondesse aos anseios patrióticos dos seus filhos.

Vencemos, todos os que queríamos o vigor moço dos verdes anos, uma luta que foi de beleza porque era iluminada por um mais alto ideal.

Mas, vencemos, porque comnosco, com a alma ardente da mocidade que nas escolas e nas oficinas, erguia o clamor de revolta estava, também, o espírito heroico do Exército que, mais uma vez, soube estar à altura da sua missão, soube ser o intérprete da vontade nacional.

Só por isso o 28 de Maio pôde ser uma verdadeira Revolução Nacional que pôde substituir um regime e remir uma pátria.

Efemérides

23 de Maio

1498 — O padre Savonarola, que condenára a desmoralização de Roma, é queimado vivo.

1702—Nasce Lineu, livre pensador e criador da botânica.

1908—O ministro Espregueira apresenta na Câmara dos Deputados a proposta conjunta do aumento da lista civil e da liquidação dos adiantamentos ilegais à casa real, o que provoca violentos protestos.

1909 — O Partido Republicano faz uma grandiosa manifestação patriótica em Lisboa a propósito do tratado luso-transvaliano, a que preside o dr. Teófilo Braga.

Juramento de bandeira

—o—

No Stadium Municipal realiza-se âmanhã, pelas 14 horas, a ratificação do juramento de bandeira aos recrutas da actual encorporação militar, cerimónia que este ano deve ser revestida do maior brilho e interêsse, pelo que a recomendâmos aos aveirenses visto a entrada no campo ser pública.

Do programa faz parte também a execução de algumas provas desportivas e militares, que muito devem agradar.

Agradecemos o convite especial com que fomos distinguidos.

Lêr a 4.ª página

CARTA DE LISBOA

Um decreto oportuno

A função da nossa imprensa, embora dirigida, nos últimos anos, por um critério nacionalista e moralizador, não correspondia, contudo, às necessidades do momento e alguns jornais abusavam, às vezes, da generosidade e espírito de concórdia das Comissões de Censura e do Govêrno.

Foi só por êsse motivo e pela noção das responsabilidades assumidas que o Govêrno do Estado Novo, cumprindo à letra a Constituição, procura agora, nêste momento de reconstrução geral do país, defender a opinião pública de todas as insinuações, êrros e campanhas que a desorientem «contra a verdade, a justiça, a administração e o bem comum».

O decreto-lei publicado há dias é bem claro no seu relatório quanto à explicação da sua finalidade não só sob o ponto de vista moral, que se refere às condições exigidas aos directores e orientadores das publicações periódicas e à entrada no nosso país de revistas e jornais estrangeiros, mas tambem no que diz respeito à parte económica e profissional destas publicações, fixando-lhes o limite máximo do número de páginas, impondo às empresas jornalísticas uma garantia financeira em benefício dos trabalhadores e regulando a publicação dos anúncios oficiais.

Não se compreende, na verdade, que a imprensa, sendo um serviço de carácter público, continuasse, como até aqui, sob a direcção, em certos casos, de pessoas de competência duvidosa ou de moralidade pouco recomendável.

Os nossos jornais, portanto, cumprirão melhor, de futuro, a sua missão de educar e esclarecer a opinião pública e as garantias e direitos de quem nêles trabalha serão também assegurados.

Estas razões que, como dissémos, caracterizam a finalidade do referido decreto, levam-nos, evidentemente, a considerá-lo como um dos passos mais proveitosos do ressurgimento moral português.

Em Santarém

A festa inaugural da Exposição-feira de Santarem, realizada no passado domingo, constituiu, sem dúvida, uma nova afirmação da reconstituição material e moral da Nação.

Com a assistência de muitos milhares de pessoas, que de toda a parte ali fôram agradecer ao Govêrno os benefícios recebidos pela região e mostrar a todos as suas qualidades de iniciativa e trabalho, esta verdadeira parada do trabalho nacional é mais uma manifestação do interêsse e carinho com que o Estado Novo procura, pelo exemplo e esfôrço do seu Govêrno, despertar nos portuguêses o amor pelas velhas virtudes da raça e um patriotismo inteligente e confiado. Mas se a exposição e o cortejo se impuzeram pelo entusiasmo, riqueza e brilho, devemos, porém, frisar, o discurso do sr. Presidente da República que nos dá uma ideia da importância e alcance social desta festa tão simpática e presta a Salazar, o Chefe da Revolução Nacional, a mais nobre e justa das consagrações.

«Em toda a parte do Mundo—afirmou Sua Ex.ª — Portugal é hoje gigante e de todos conhecido pelo que vale e pelo que póde. Merece bem a pena, por tudo isto, ser português nêste momento em que caminhamos na rota do ressurgimento nacional. Tudo se deve ao esfôrço comum. Mas acima de todos, por sôbre as nossas cabeças e acima dos nossos corações, está aquêle português de lei que nem sei como classificar, pois difícil é congregar tantas qualidades numa só pessoa. Admiro como fôsse obra de um só homem todo o trabalho incessante, persistente, valioso na transformação social, económica e financeira operada no nosso País. O seu nome pertence já à História e por isso me escuso de o pronunciar. Todos sabeis de quem se trata, todos guardam religiosamente o seu nome. Escuso de pronunciá-lo. Está no nosso espírito.»

C.

A visita dos Vianenses

despertou no nosso meio o mesmo entusiasmo de outr'ora

A CHEGADA—O ESPECTÁCULO—A PARTIDA

Cordealíssimas manifestações de mútua simpatia

A embaixada vianense, constituída pelo grupo cénico de que fez parte um conjunto de amadores caprichosos em demonstrar os seus conhecimentos da arte de Talma e cuja visita a Aveiro se realizou num ambiente de entusiástica cordealidade que sempre uniu as duas cidades amigas, teve o condão, aliás previsto, de alvoroçar os espíritos e contribuía para que a nossa terra saísse da monotonia e se alegrasse, pondo-se em festa. E' que os vianenses trazem, tôdas as vezes que veem até nós, uma alma expansiva, carinhosa, enebriante de ternura, e essa circunstância atrai-nos como um imen, não consentindo que andemos por muito tempo separados. A sua visita de agora foi, portanto, um balsamo que se espalhou em Aveiro e que fez vibrar de contentamento o nosso povo pela presença de tão simpáticos hóspedes.

A CHEGADA

Vieram em camionetes os vianenses e por isso foram esperá-los ao limite do concelho a Direcção do *Club dos Galitos*, a Direcção do seu Grupo Cénico, as duas corporações de bombeiros nas respectivas viaturas e muitas outras pessoas que ali compareceram de automóvel.

Os primeiros cumprimentos tiveram de ser rápidos pois era na cidade e junto do Monumento aos Mortos da Guerra que devia ter logar a recepção a qual, não há dúvida, excedeu a espectativa.

No meio do estralejar de foguêtes, do atroar dos morteiros, das palmas de quantos aguardavam a caravana e dos acordes musicais da *Banda José Estêvão*, fez-se o desembarque para se organizar um cortejo, a pé, em que tomaram parte tôdas as associações locais com os seus estandartes, *o Grupo Cénico Tricanas e Galitos*, Academia, escolas e muitas pessoas de representação, que se dirigiu ao *Club dos Galitos* por entre alas compactas de povo. As manifestações são ininterruptas. Da varanda do magestoso prédio do sr. Aristides Ferreira, por cima da *Pastelaria Central*, tôda tomada pelo elemento feminino da cidade, cai uma chuva de pétalas de rosas sobre os recem-chegados, o mesmo acontecendo ao entrarem na séde da prestante agremiação local onde também os aguardava a *Banda Amisade* e lhes foram dadas as bôas vindas no grande salão de festas.

O entusiasmo é cada vez maior. Os vivas a Viana e Aveiro repetem-se sem cessar, mas a certa altura faz-se silêncio e então fala em nome do *Club dos Galitos*, de que é director-secretário, o nosso prezado amigo Carlos Aleluia, dizendo:

«Senhoras e Senhores do bom povo de Viana:

Das mais próximas paragens, dos mais recônditos e longínquos recantos de Portugal aqui chegam permanentemente excursões. Este facto consola-nos e envaidece-nos a nós, aveirenses, que muito amâmos a nossa terra pela beleza que a natureza lhe empresta, pela côr e recorte ribeirinho, pela sua luz. Essas massas turísticas, chegam, partem, e nada de anormal se nota na afectividade da nossa gente.

Quando, porém, os Vianenses nos batem à porta, algo se move da nossa sensibilidade, e aparece nitidamente, profundamente vincada aquela amisade que laços indestrutíveis criaram, uniram e fundiram, e os aveirenses despertam abrindo os braços a êsses visitantes que não são como tantos outros por serem—Vianenses!

A-pesar-de o insistente incógnito, nós soubemos, felizmente a tempo, da vossa vinda e todos vibramos de alegria e o *Club dos Galitos* não podia nem devia ficar indiferente perante a visita e a honra que gentilmente lhe dais, dedicando o vosso espectáculo de hoje ao seu grupo cénico.

Aqui estâmos, pois, a receber-vos, não com aquele brilho e pompa de que sois merecedores. Desculpem. Nós só sabemos bem receber os Vianenses—com o coração.

A Direcção deste Club, representando todos os seus associados por direito, e todos os aveirenses por sentimento, pede para que acrediteis na sinceridade desta afirmação: *sois benvindos!*»

E Carlos Aleluia termina, erguendo vivas pelas prosperidades de Viana do Castelo, pelas felicidades do seu Povo e pela amizade Viana-Aveiro.

Muitas palmas em revoada, e segue o sr. José Duarte Simão, que assim se exprime, pouco mais ou menos:

«O ilustre secretário da Direcção dêste Club saüdou-vos em seu nome e muito bem vos apresentou as suas homenagens, que são de tôdos nós.

Nada mais haveria a dizer se não fôra preciso patentear-vos a muita admiração e estima de uma facção destacada do mesmo club, ou seja do seu Grupo Cénico. É, pois, em nome do Grupo Cénico dos *Galitos*, em nome de tôdos os seus componentes, que eu quero dizer-vos do muito que sentimos, da nossa satisfação e orgulho em receber de braços abertos os queridos irmãos Vianenses. E esta satisfação é tanto mais intensa, são tanto mais legítimas as nossas saüdações, quanto é certo que aos grupos cénicos das duas cidades, se deve o maior quinhão de grandeza e beleza a êste intercâmbio de verdadeira estima entre Aveirenses e Vianenses.

Fôram os seus grupos cénicos os propulsores das visitas entre as nossas cidades, visitas há algumas dezenas de anos iniciadas, e à volta delas se alimentou e vivificou o fôgo sagrado da nossa mútua estima e veneração, e nelas colaborando os *Galitos* da velha guardá.

. . . .

Dizer-vos que a vossa visita nos penhora e encanta, é desnecessário, pois bem sabeis como aqui sois queridos, tal qual como os aveirenses, e os *Galitos*, são queridos em Viana.

. . . .

Quero aproveitar o ensejo, dirigindo as nossas saüdações a tôdos, de as dirigir muito especialmente ao glorioso *Sport Club Vianense*, verdadeiro traço de união entre as gentes da nossa e da vossa cidade, e sabereis dizer-lhe do lugar de honra que sempre lhe reservamos, para que assim seja o intérprete da nossa grande estima, admiração e mesmo veneração pelo pôvo amigo da vossa linda Viana.»

Novas e atroadoras manifestações de mútuo apreço se produzem, falando por último o sr. dr. Mendes Carneiro, que, sensibilizadíssimo, agradece o que acaba de presenciar tanto dentro como fóra do Club e que só denota uma grande estima entre as duas cidades amigas. Em termos afectuosos recorda as visitas ante-

Falta de espaço

—o—

Não nos é possivel neste numero incluir toda a materia composta, ficando para o imediato a que não perde a oportunidade.

Presidente da Republica

—o—

Passa âmanhã na estação do caminho de ferro para Braga onde assiste às primeiras comemorações do X aniversario da Revolução do 28 de Maio, o sr. General Oscar Carmona, que na *gare* receberá os cumprimentos da cidade representada pela Câmara.

Fará a guarda de honra uma companhia do 19 com a respectiva banda de musica.

Venda de marinhas de sal

No dia 31 do corrente mês, pelas 18 horas (6 da tarde), no edifício do Banco Nacional Ultramarino, em Aveiro, proceder-se-há à arrematação, em praça particular, das marinhas de sal denominadas Grasa Caravela, Carvalhas e Mourôa Grande, sitas na ria de Aveiro. O proprietário reserva para si o direito de não as entregar, caso o preço lhe não convenha.

O TEMPO

—o—

A-pesar-de atravessarmos a segunda quinzena de Maio tem havido chuva e vento frio, de arripiar.

Isto no mês das rosas.

Que era dantes...

IMPRENSA

«JORNAL DE ALBERGARIA»

Êste semanário regionalista, que o sr. Albérico Ribeiro dirige na séde do concelho do nosso distrito, festejou as suas *bôdas de prata*, tendo, por isso, entrado no 26.º ano de publicação e vencido, assim, uma étapa digna de ser considerada e devidamente registada.

O Democrata manifesta ao colega amigo o prazer que sente ao felicitá-lo por mais êste aniversário.

Este número foi visado pela Censura

O VI Congresso Beirão

—o—

A tratar de assuntos que se prendem com a reünião de Coimbra, marcada para os dias 30 de Junho, 1, 2 e 3 de Julho, estiveram no domingo nesta cidade os srs. dr. Fernandes Martins, capitão Sérgio Vieira, dr. Miranda de Vasconcelos e dr. Torres Garcia, que junto dos srs. dr. Domirgos Pepulim, do Conselho Regional das Beiras; dr. Alberto Souto, Delegado do distrito do mesmo Conselho; professor José Tavares, relator geral da secção agrícola do Conselho; capitão João Tavares, representante da Junta Geral e dr. Lourenço Peixinho, presidente do município, expozeram os fins que aqui os trouxe e em conjunto resolveram nomear a Comissão Distrital Organizadora que ficou assim composta: dr. Alfredo Peres, governador civil; delegados da Junta Geral, Câmara Municipal, Comissão de Turismo, Associação Comercial, dr. Ferreira Neves, antigo secretário geral do IV Congresso Beirão e dr. Alberto Souto, director do Museu.

Os comissionados, antes de retirarem, tomaram um chá, que lhes foi oferecido na *Pastelaria Central*, tendo chegado a Coimbra satisfeitos pela fórma como decorreram os trabalhos dêsse

«Queima das Fitas»

—o—

Os estudantes de Coímbra iniciam hoje a sua festa anual, introduzindo no programa alguns números que devem ser engraçados.

Dependem das *latas*...

Imposto abolido

—o—

A partir do proximo mez vai o funcionalismo deixar de pagar o imposto de *salvação publica* por o Governo o considerar dispensavel.

Bom sintoma.

Sarau infantil

Realisa-se hoje á noite, no Teatro Aveirense, promovido pelas escolas primárias e infantis da cidade, um sarau cujo produto reverterá a favor das cantinas escolares.

O programa é dividido em quatro partes, constando de orfeon, um acto de representação, canções movimentadas em 3 quadros, desempenho da peça *O lindo sonho de Claudina*, em 1 acto, além de outros numeros.

Tanto no começo do espectaculo como no final as crianças entoarão a *Portuguêsa*—o hino da República.

O padre Costa

=o=

Era assim conhecido pela geração académica do nosso liceu o reverendo João Simões da Costa, natural da Quinta Nova, concelho de O. do Bairro e que para aqui viera cursar as disciplinas de matemática e física já depois de ordenado. Tendo sido condiscípulo de quem escreve estas, nunca mais o tornámos a vêr depois que retirou de Aveiro, para agora depararmos com a notícia do seu falecimento em Lisboa, onde, acumulando com as suas funções eclesiásticas, era director técnico e proprietário duma farmácia.

O padre Costa! Quantas missas êle resou — visto serem *de borla*—encomendadas pela academia, por alma de alguém ou em acção de graças por qualquer acontecimento e em virtude dos feriados que de aí advinham!

As primeiras fôram na Misericórdia. Mas como também se não pagou ao sacristão o trabalho da sua ajuda, o toque do sino e inclusivamente o gasto da cêra que êle exigia, outras houve que tiveram de ser resadas em igrejas diferentes de modo a dividir o mal pelas aldeias...

Até na capela do Senhor das Barrocas, que fica situada no extremo norte da cidade, um dia lá foi resada missa pelo padre Costa e isto para prolongar a demora no trajecto, de que resultou o feriado que se desejava em determinada aula.

Bons tempos!
Piedosos tempos!
Evangélicos tempos!

O padre Costa, que nestas poucas linhas recordâmos saüdosamente, morreu com perto de 70 anos.

A terra lhe seja leve.

Feriado

=o=

O Govêrno decretou que na proxima quinta-feira seja dia de feriado nacional em comemoração do movimento militar conhecido pelo 28 de Maio.

Que se fará em Aveiro para o festejar?

Coisas e tal...

O problema da iluminação da cidade — iluminação de facto — é difícil pelo elevado custo, não só da instalação como do consumo, muito mais elevado, de corrente.

A Avenida e o Canal Central, a-pesar-de tudo isso, necessitam urgentemente da sua iluminação moderna e abundante (como julgo estar em preparação) mas já, para êste ano, porque estâmos em Maio e vai-se aproximando a época das excursões. E Aveiro, de noite, não é mais aquela cidade que de dia irradia abundantemente a sua luz de prata que estonteia os nossos visitantes.

De noite, Aveiro é uma cidade funerária. Há um contraste demasiado violento do claro e escuro e é preciso atenuar esta desagradável impressão sofrida pelos turistes que até nós vêm.

As ruas não têm aquela luz de vida que o comércio local deve emprestar. Bem sabemos que Aveiro não é uma cidade comercial; mas há comércio, e êste não ilumina os seus estabelecimentos e as suas montras. Essa falta empobrece o pavimento da cidade e empobrece, perante os estranhos, o valor da nossa vida comercial e de cidade, capital de distrito.

Cabe, porém, a culpa aos comerciantes? Não. Eles não se negariam a iluminar mais e mais vezes as suas casas e as suas montras; mas a verdade é que não pódem fazer essa extravagância com a energia pelo preço que está a ser consumida. E' pois, necessário e também urgente que se faça como noutras terras: uma tarifa especial, reduzida, para a energia eléctrica destinada aos estabelecimentos e montras comerciais.

Desta medida resultará um incalculável benefício para a cidade, porque deixaria de existir a grande preocupação que presentemente todos necessitam de ter, da economia de luz, e os comerciantes iluminariam melhor os seus estabelecimentos e as suas montras, com grande benefício para as ruas onde se acham instalados.

Acreditamos que esta ideia estará no pensamento e ânimo de todos e que a Câmara, se perde pelo menor lucro por unidade, recupera no aumento dessas unidades, que imediàtamente se multiplicarão.

De resto, é uma medida que por muitas câmaras tem sido posta em vigor e que, sendo necessária entre nós, também há-de levar a nossa a estudar o problema e a resolvê-lo de modo a que Aveiro marque uma posição decente.

Ac.

Desastre

Deu entrada no hospital com fractura do crâneo por ter caído do cavalo que montava, o soldado do 1.º esquadrão de cavalaria, Manuel da Silva Garrido.

O desastre deu-se na Quinta do Gato e durante um exercício que ali se efectuava.

Curso de férias

—o—

Em virtude da alteração que consta vai sofrer o ensino liceal no próximo ano lectivo, principalmente nas disciplinas de francês e inglês, propõe-se a sr.ª D. Olinda Soares, que, com a maior competência, tem leccionado as referidas disciplinas, abrir um curso de férias em sua casa, logo que terminem as aulas do liceu e de maneira a preparar os alunos com as bases suficientes para vencerem dificuldades futuras. Chamâmos, por isso, desde já, a atenção dos interessados para o ensejo que a sr.ª D. Olinda Soares lhes proporciona de se habilitarem convenientemente, aproveitando as lições daquelas línguas antes de entrarem no liceu.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

riormente feitas, para afirmar que sempre que os habitantes de Viana se deslocam e entram em Aveiro não pódem considerar-se em cidade estranha porque é o mesmo que estarem na sua própria terra. Renova, por isso, os seus agradecimentos e termina levantando vivas a Aveiro, ao *Club dos Galitos* e seu Grupo Cénico, correspondidos com outros a Viana, ao Grupo Cénico Sá de Miranda, ao *Sport Club Vianense*, que não é esquecido, às meninas... da barra de Viana, etc., etc.

A RÉCITA

Um intervalo de pouco tempo para descanso e eis-nos no teatro onde se representa a revista *Meninas... da nossa Barra*. Casa cheia, completamente cheia, ou, como se costuma dizer quando assim acontece—à cunha.

O espectáculo principia por o sr. José Figueiras recitar, com toda a correcção, os seguintes versos:

Senhoras e senhores:
Jàmais, decerto,
alguém, aqui, num rasgo de ousadia
se permitiu tamanho desconcêrto...
Quem tal faria,
se não contasse com o riso aberto
da vossa quási eterna simpatia?...

Se ela não fôra, nunca, em caravana,
teriamos deixado o bom cantinho
que é — em beleza — a vossa irmã
Viana,
o coração do Minho.

Bebida a esperança em verdes de paìsagem,
e a coragem na alma dos granitos,
eis-nos correndo, em febres de homenagem,
à Festa dos Galitos.

Não vimos fazer arte,
nem dos louros corremos à conquista,
que sempre, uma revista,
é nada—que em mil nadas se reparte.

À nossa graça falta um pouco o sal,
essa pimenta branca das salinas,
que as tricánas, num riso sensual,
põe' a brincar nas bôcas pequeninas.

Depois—sabeis—ao lado dos Galitos,
nós, como artistas,
somos apenas simples frangaitos,
—nem a plumagem d'oiro... nem as cristas.

Nós vos diremos — que não foi, pintando
de côr de rosa um riso de promessa,
que assim nos permitimos tal desmando.

E vós direis, sorrindo e perdoando,
que veio de Viana aqui um bando,
sòmente p'ra pregar-vos uma peça...

Uma nutrida salva de palmas e sóbe o pano.

A revista, se bem que nela abundem os assuntos locais, agrada plenamente. Todos os amadores representam os seus papeis, mostrando habilidade e observando a técnica teatral. Todavia alguem se destaca. Maria Passos e Júlia Silva, quer cantando, quer declamando, fazem-no com tanto relêvo que conseguem atraír as atenções da plateia. O mesmo sucede com Maria de Lourdes e Adriana Soares, respectivamente nos papeis de *Carnet* e *Balão*. A assistência premeia continuadamente o trabalho de todos. A parte musical excelente e impecável sob a regência do sr. João Branco. Um número, porém, sobreleva a todos: a canção *Meninas... da nossa Barra*, que é repetida umas poucas de vezes. Após o 2.º acto e com o pano em cima, apareceu no palco com o grupo *Tricanas e Galitos*, de que é ensaiador, o sr. António Flamengo que proferiu um pequeno discurso de saüdação ao grupo do Teatro Sá de Miranda e entregou ao autor da revista, Salvato Feijó, uma mensagem encerrada em linda pasta de madeira entalhada, com as armas de Aveiro e Viana e o emblema do *Club dos Galitos* em relêvo, dizendo assim:

«O Grupo Cénico do Club dos Galitos, *saúda muito efusivamente o* Grupo Cénico do Teatro Sá de Miranda, *da linda e ridente cidade do* Minho. *Nesta saüdação, bem sentida, vai o muito da admiração que todos os elementos constituintes do* Grupo Cénico do Club dos Galitos *sentem pelos que, procurando mostrar os progressos de uma cidade considerada a Rainha do Minho, veem afirmar a sua devoção pela Arte de Talma, a mais culta, senão a mais bela das artes que nos é permitido cultivar.*

Mas, além dêsse aspecto da muita admiração que todos os amadores dramáticos de Aveiro nutrem pelo belo Grupo Cénico que nos deu a honra da sua visita, o qual nos fez apreciar numa manifestação de arte completa e sentida, o muito que vale, nós queremos também revelar nesta nossa modesta prova de muita simpatia, a grande estima que une as duas cidades—Aveiro e Viana—que a visita agora realizada mais vem fortalecer e estreitar.

Aceite, pois, o Grupo Cénico de Viana do Castelo as calorosas e bem sinceras saüdações do Grupo Cénico do Club dos Galitos; *e que, ao recordar os seus triunfos e os seus melhores aplausos, junte sempre como trofeu de glória as carinhosas e espontâneas manifestações de apreço que o público desta cidade justamente lhe dispensou, e de que são fieis interpretes os igualmente cultores da arte que vêmos ser tratada com tão superior relêvo, tanto carinho e um tão elevado conceito pelo* Grupo Cénico do Teatro Sá de Miranda.

Hurrah! pois, pela cidade de Viana do Castelo e pelo seu Grupo Cénico!

Aveiro, 16 de Maio de 1936.»

Agradeceu, também num curto mas expressivo discurso, o sr. dr. Mendes Carneiro. Há troca de ramos de flôres, manifestações calorosas que terminam a custo pois o espectáculo continuar. Falta o 3.º acto e já é tarde. Este decorre com o mesmo agrado dos anteriores, não se descrevendo, porém, por falta de termos, o entusiasmo a que deu origem a parte final em que sobresaiu um lindo fôgo de bengala preparado pelo grande artista pirotécnico José de Castro.

Durante muito tempo aveirenses e vianenses entregaram-se às mais ruidosas manifestações a que temos assistido no teatro, sendo empolgante o aspecto da sala ao saudar o grupo com palmas e vivas e, em especial, Salvato Feijó, o regente da orquestra João Branco e acima de tudo, ainda, Viana do Castelo por a termos sempre no coração.

Se nos faz tão bem a alegria que de lá dimana...

UM «COPO DE ÁGUA» E A DESPEDIDA

O dia de domingo amanheceu sem sol, encoberto, parecendo que as núvens se iriam transformar em chuva. Por isso não se realisou o passeio fluvial projectado, indo, porém, os nossos hóspedes à Barra e Costa Nova por via terrestre e percorrendo, depois, a cidade na ânsia de colherem impressões. Mas às 16 horas estavam de novo no *Club dos Galitos* onde a direcção lhes ofereceu um delicado e abundante *copo de água* em que as nossas gentis tricaninhas fizeram as honras da casa. No meio da extraordinária animação um momento houve em que ela se suspendeu. Foi quando o sr. dr. Jaime de Melo Freitos, juiz de Direito da nossa comarca, elevando a sua voz, proferiu estas palavras:

Senhoras e senhores!

A amizade entre Viana e Aveiro é axiomática e, perdurando, passa já de pais a filhos, como ontem disse aqui o sr. dr. Mendes Carneiro e eu confirmo.

Meu Pai, que tantas vezes incarnou a vibratilidade sentimental deste povo aveirense—povo humilde e inculto, mas instintivamente propenso ao idealismo—meu Pai, repito, se vivo fôsse não deixaria, decerto, de proferir, saüdando-vos, palavras de afecto, como êle o sabia ter e, em especial, o tinha por Viana do Castelo.

A sua voz, porém, emudeceu. Cumpre-me a mim, como aveirense, e cumpre a todos os aveirenses continuar no culto de uma estima que não é apenas sincera, mas fervorosa.

Na época que atravessamos, de brutalidade, não podemos imaginar que futuro se prepara às modernas gerações. Os rapazes olham com indiferença, freqüentemente, ocorrências que sensibilizam os velhos. Não admiraria, pois, que meus filhos regressassem a casa, decorrida a récita de ontem, sem que seguramente alguma coisa se houvesse caminhado no sentido de se ír enraïzando àquela estima. Ainda bem que vós, Vianenses, os haveis enfeitiçado. De meus rapazes vos afirmo, como se diria na vossa revista: *Já estão!...* E que assim seja para sempre, no amôr a Viana!...

* * *

Há algumas dezenas de anos! Foi desde lá que, dia a dia, se estreitaram os laços de amizade que prendem Aveiro a Viana e o tornaram cativo.

Numeroso grupo de pessoas partiu daqui, de abalada, em procura de prodigiosos espectáculos de que se ouvia falar.

A beleza de todos os recantos do Minho! A beleza da extraordinária paìsagem de Santa Luzia!

Viana! Viana e o seu concelho, berço do famoso traje de gala *á—vianesa*!

Terra de finas miniaturas e terra de grandiosidade!

Pois bem: chegámos. Fomos mensageiros idos na vanguarda e fidalgamente nos receberam. Mas não foi a recepção, Senhores, que nos tornou profundamente enamorados e que nos confundiu. Foi a carinhosa despedida. Nunca a esquecerei!

Viana conhecera, entretanto, pela nossa presença, a categoria de muitos dos excursionistas (um dêles o sr. dr. Jaime de Magalhães Lima) e que, em verdade, um delicado sentimento nos arrastara até aquelas paragens.

Fez-se-nos desde logo, não sei por que milagre, o que mal poderíamos supôr, esperar e, muito menos, merecer.

Por nossa parte, trouxemos Viana do Castelo dentro do coração...

Repetiram-se as excussões; têm ido a Viana grupos cénicos aveirenses e a nossa dívida aumenta. Aumenta sem termos, sequer, forma de deixar perceber quanto estamos gratos.

Aveiro não sabe expandir-se! Aveiro sabe apenas sentir dentro de si, Aveiro sabe apenas receber-vos de braços abertos e a vibrar intimamente de comoção.

Na vossa terra, entre muitas belezas, a maior beleza está, sem dúvida, na alma dos Vianenses!

Se a vida real é dôr e a alegria apenas um sonho, à própria alegria não sendo estranhas as lágrimas—Vianenses e Aveirenses, nesta hora, que é quási a da despedida, num frémito já de saüdade eu vos digo: vivâmos a sonhar e, irmanando as nossas almas, sonhêmos um mesmo sonho?

Vibrando de entusiasmo tôdos os presentes se entregam, de novo, a calorosas manifestações, que visam, principalmente, o orador, ao qual se segue o sr. José Duarte Simão. Do seu improviso conseguimos apanhar algumas passagens, que, se não são exactas, na forma, são, contudo, fieis na ideia. Disse:

Depois das palavras de S. Ex.ª, o Snr. Dr. Melo Freitas, que tão bem vos disse da amizade entre as duas cidades—Aveiro e Viana—nada mais teria que dizer-vos, se não fôra a circunstância especial em que vou fazê-lo. Sua Ex.ª, como aveirense ilustre, disse o que era mister dizer-se nêste momento de tão grande solenidade; ao *Club dos Galitos*, porém, compete ir um pouco mais longe, pela sua actuação de longa data nêste intercâmbio entre as duas cidades amigas, e é pelo *Club dos Galitos* e seu grupo cénico que eu venho render-vos o preito das nossas homenágens, testemunhar-vos a nossa satisfação por nos ser dado expandir sentimentos de afectividade recíproca que há muito nos acompanham.

É que a gente de Viana representa para nós alguma coisa de muito querido, como se verdadeiros irmãos fôramos; e, sobretudo, esta casa tem sido o verdadeiro propulsor desta aliança entre as duas cidades ribeirinhas, tem sido, por assim dizer, o traço de união entre as suas populações.

Quero aproveitar o ensejo de saüdar o Grupo Cénico Sá de Miranda pelo brilho com que ontem se apresentou.

Quem, como eu, teve a felicidade de assistir ao espectáculo de ontem, ficou com a prova irrefragável de quanto sois capazes em arte cénica; e Aveiro que tem orgulho nos seus grupos cénicos, que aqui e fóra, têm exibido peças das mais variadas e da mais difícil contextura, apreciou devidamente as qualidades artísticas dos vianenses, já aqui por diversas vezes demonstradas, e que, assim, os elementos das duas terras nos primores da arte, se casam perfeitamente.

Permiti-me, agora, uma ligeira divagação, e sem desprimor para ninguém, eu quero lembrar aqui alguns dos vossos conterrêneos, que têm sido verdadeiros propulsores e cultivadores desta nossa velha amizade, e que tanto gostaríamos de abraçar também.

Em primeiro lugar, o Dr. José de Matos, bom e devotado amigo da nossa e vossa terra; a seguir, Manuel Couto Viana, Dr. Rocha Páris, e tantos, tantos outros, que constituem o baluarte do *Sport Club Vianense*, o fulcro principal do nosso fraternal convívio, e que Aveiro, e nomeadamente os *Galitos*, colocam em primeiro plano, quando de Viana se fala e o seu nome anda ligado a esta cruzada sublime da aproximação e estima das nossas duas cidades.

. . . .

Ides partir em breve, retirar-vos para a vossa linda Viana. E diz o pôvo que *quem parte leva saüdades...*; mas, se me consentis o paradoxo, não deveis partir com saüdade, que não heis de deixa-las também. É que só deve haver saüdades, quando se parte para bem longe ou para sempre, facto que entre nós se não dá.

Vós partis, é certo, mas em espírito vos acompanhamos e em espírito ficais comnosco, pois, embora na vossa terra, o espírito dos Vianenses paira junto de nós, com aquêle carinho afectivo, já agora tão tradicional.

Decerto não sois demónios que vindes aqui arrebatar-nos a alma para a levar convosco; mas a verdade é que, como se fôreis demónios lendários, nós vos entregamos a alma aos bocadinhos.

Tal qual estais comnosco em espírito, assim alguma coisa levais de nós mesmos para que assim vivâmos sempre nesta comunhão de idealismo, tão característico das duas cidades ribeirinhas.

Por isso, ao partir, não leveis saüdades, e antes parti, cantando, para que nós vos acompanhemos numa alegria de cantar. Cantai, para que aos nossos ouvidos chegue a toadilha dôce das vossas canções inconfundíveis, cheias de belesa ridente como a paìsagem fulgurante do vosso Minho de tão bizarros contrastes; cantai o vosso *vira*, tão característico do folclore minhoto, que nos enche a alma de anseios—tantas canções mimosas de cadência e suavidade parelha à dos rouxinois dos salgueirais do vosso Lima, irmãos gêmeos dos salgueirais do nosso Vouga, rios que igualam em tonalidade as belezas de ambas as paìsagens.

. . . .

Muito mais poderia diver-vos sôbre esta amizade cada vez mais forte entre Vianenses e Aveirenses.

Quando a alma se expande em encantamentos e os impulsos do coração nos arrebatam, as palavras afloram em catadupas, e nem assim seriam capazes de exprimir tudo quanto se passa em nós.

Mas é forçoso que acabe, para dar margem aos arroubos e alegria esfusiante dos últimos momentos.

Antes de terminar, porém, deixai-me recordar os momentos de uma despedida grandiosa por parte dos Vianenses e a que me foi dado assistir. Milhares e milhares de lenços brancos, agitados frenèticamente por milhares de mãos Vianezas, de uma multidão vibrante, apinhada àlém do Lima, faziam lembrar as asas brancas de miríades de pombas brancas, esvoaçando de mistura com o espírito gentil dos vianenses que então vinha comnosco. Espectáculo incomparável de grandeza apoteótica, que, tantos anos volvidos, ainda perdura no mais fundo do nosso coração.

Agitai, pois, à despedida, Vianenses e Aveirenses, os vossos lenços brancos, brancos como o alvor dos luares minhotos, adejando como asas de pombas brancas, e para que a sua brancura se confunda com o espírito Vianense que aqui nos fica, e com os pedaços da nossa alma que hão de acompanhar os nossos bons e leais amigos de Viana.

O sr. José Botelho, professor em Viana do Castelo, agradece, por sua vez, as provas de amisade recebidas em Aveiro, declarando que a comoção lhe não deixa traduzir em palavras o que sente no seu íntimo. Resume, pois, num estridente viva a Aveiro tôdo o reconhecimento dos seus conterrâneos, viva que é calorosamente correspondido.

Segue-se um animado baile. Na sala há esfusiante e comunicativa alegria. Mas a tarde vai a declinar. E uma voz, então, se ouve:

—Vianenses! Vamos embora; é preciso partir!

Ao que uma azougada tricaninha da nossa terra, responde:

—Que disparate!...

O sr. dr. Mendes Carneiro, porém, insiste e depois de ter palavras de profunda simpatia para com o sr. dr. Melo Freitas, e de reconhecimento para com o *Club dos Galitos*, inicia-se a debandada para de aí a pouco se efectuar a partida com acompanhamento até à ponte de Angeja de quantos o puderam fazer numa manifestação de saüdade que, temos a certeza, jàmais esquecerá.

* * *

No dia seguinte, isto é, na segunda-feira receberam-se nesta cidade os seguintes telegramas:

Em nome do Grupo Cénico e no meu envio agradecimentos e abraços das raparigas para os rapazes, dos rapazes para elas, e meus para tôdos.

(a) JOÃO BRANCO

Num apertado abraço, grande como a vossa gentileza, envio-vos enternecidamente os meus agradecimentos.

(a) SALVATO FEIJÓ

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos, no dia 17, o sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues e em 18 a interessante Maria Suzette, filhinha do nosso amigo Carlos Aleluia, da acreditada Fábrica Aleluia; hoje, fá-los, o sr. António Constantino de Brito, farmacêutico em Valadares e o filho Zacarias, do sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); no dia 24, a galante Maria Helena, filha do sr. dr. António Simões de Pinho, advogado na comarca; em 26, o sr. Laurélio Regala; em 28, a sr.ª D. Tereza Andias Meireles, esposa do sr. Hermenegildo Meireles, o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, considerado clínico e o inocente Carlos Eduardo, filho do sr. tenente Alberto Carlos Ribeiro da Cunha, actualmente em Nampula, Moçambique (África Oriental) e em 29, o sr. Joaquim da Cruz Carlos.

Gente nova

Em Esgueira foi baptisada, no domingo, a filhinha da sr.ª D. Isaura Farto e de seu marido o sr. Amaro Branquinho, tendo servido de padrinhos a sr.ª D. Conceição Aleluia e o sr. Manuel Mateus Farto, avô materno da pequerrucha.

Recebeu o nome de Maria Fernanda.

Partidas e Chegadas

Cumprimentámos no último sábado nesta cidade o sr. engenheiro Manuel Moniz de Freitas, há pouco transferido para a Direcção de Estradas do Distrito de Braga para onde seguiu no dia seguinte.

—Também aqui vimos esta semana os srs. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Águeda; José de Morais Sarmento, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar e dr. António Vicente, médico no Troviscal.

—Com demora de algumas semanas partiu para o estrangeiro afim de tratar negócios da empresa de que faz parte, o nosso conterrâneo e amigo, Alfredo Esteves, que de Paris irá à Bélgica e depois à Holanda, Alemanha e Dinamarca.

Feliz viagem lhe desejâmos.

—Acompanhado de sua família chegou ontem a esta cidade onde fixa residência por algum tempo, o sr. capitão Manuel Rodrigues Ferreira, há pouco regressado da India.

Os nossos cumprimentos.

Doentes

Por notícias recebidas esta semana de Shanghai (China) sabemos que têm passado muito encomodados de saúde o antigo assinante deste jornal, sr. dr. Daniel Corte Real, nosso prezado amigo, e sua esposa, tendo o primeiro estado a tratar-se num quarto particular do hospital.

Fazemos sinceros votos pelo completo restabelecimento dos ilustres enfermos.

Bom caminho...

A 2.ª Republica Espanhola, em 62 mezes de vida, já conta 30 crises ministeriais e 80 ministros.

Que rica coisa!...

Comandante Casal Ribeiro

Deixou esta cidade no último sábado em virtude de ter sido exonerado, como dissemos, de capitão do porto, o sr. comandante José Vicente do Casal Ribeiro, que, em automóvel, seguiu para a capital acompanhado de sua esposa.

A' hora da partida compareceram junto do edifício da capitania, a-fim-de lhe apresentarem cumprimentos de despedida, além do pessoal que serviu sob a sua direcção, muitas outras pessoas, recordando-nos ter visto os srs. dr. Jaime de Melo Freitas, juiz de Direito da comarca, dr. Celestino Dias, delegado do P. da República; dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara; dr. Jaime Duarte Silva, dr. Manuel Soares, dr. Manuel Rodrigues da Cruz, dr. Francisco Soares, engenheiro Moniz de Freitas, tenente Gumerzindo da Silva, Francisco da Silva Rocha, Pompeu Pereira, João José Trindade, Alfredo Osório, tenente José Rodrigues dos Santos, Alfredo Estêves, Ulisses Pereira, Egas Salgueiro, Francisco Pereira Lopes, Aristides Tavares Ferreira e Alberto Ferreira Martins.

Até Oiã acompanharam o distinto oficial da Armada, alguns amigos que tomaram lugar em vários automóveis, formando uma extensa fila que deu nas vistas nas povoações do trajecto.

O Democrata, que também se fez representar na despedida ao sr. capitão de fragata Casal Ribeiro, deseja-lhe todas as felicidades de que é merecedor.

Secção desportiva

Foot-Ball

Em Ovar, o "Beira-Mar" bateu pelo elevado "score" de 7-0 a "Ass. Desportiva Ovarense" campeão distrital da presente época. As reservas dos mesmos clubes empataram por 1 bola.

A jornada de futebol de domingo passado que poz em campo as 1.as e 2.as categorias do *Beira-Mar* e da *Ovarense*, serviu ás mil maravilhas para tirar duvidas a todos aqueles que as tinham à-cêrca do valor do *association* praticado pelo club local.

A vitória alcançada aqui em Aveiro parecia não ter sido suficiente, por apresentar certos senões, no entender dos sábios... Mas foi-se lá fora, a casa do vencido da véspera e o resultado confirmou-se em absoluto...

Aí tem, pois, os incrédulos a prova real!...

* * *

A's 17,35 Eduardo Sousa, árbitro da *Associação Desportiva Ovarense* dá o primeiro sinal, entrando em primeiro lugar o *Beira-Mar* que saúda, como é uso, a meio campo toda a assistência. Distinguem-se as palmas da *claque* aveirense que acompanhou as suas turmas... e o árbitro continua a fazer soar o apito, chamando a *Ovarense* que entra passados momentos, não fazendo as saudações da praxe, pelo que o árbitro lança a moeda ao ar.

Cabe a sorte da escolha á *Ovarense*, saindo *Beira-Mar* pelos pés de Décio, numa abertura ao seu extremo esquerdo. A bola vai fora. Posta em jôgo a asa esquerda aveirense recolhe o esférico e J. Pinho aproveita para o seu primeiro pontapé ás redes que sai fora do alcance de Landureza.

Os homens da *Ovarense* iniciam um jôgo de força, entregando-se todos á luta, no ataque, enquanto os dianteiros do *Beira-Mar* parecem estranhar a pequenez do campo que os impossibilita pôr em prática o seu jôgo habitual.

Decorridos 5 minutos de jôgo *Beira-Mar* desce pela direita e Ruela, recebendo a bola do seu extremo, enfia-a nas redes obtendo o primeiro *goal* a favor do seu club.

A *Ovarense* não acusa o toque e reage de seguida, provocando ocasiões de perigo nas redes aveirenses.

O jôgo faz-se num e noutro campo, passando a bola duma balisa á outra, sem grande esfôrço dos jogadores que continuamente a lançam fora, sucedendo ir muitas vezes o esférico cair nos quintais vizinhos, donde é retirada com demora.

A assistência de Aveiro, que se tem distinguido numa correcção digna de nota, incita os seus homens... E Décio, como a corresponder-lhe, abre em grande profundidade o seu extremo esquerdo que enfia imparável mais um ponto: 2-0.

São 17.42. E' cedo ainda para fazer prognósticos, mas sente-se já que *Beira-Mar* tem a vitória certa.

A *Ovarense* não desanima e, habituados ao seu campo, desenham um ataque em forma: os defesas lançam a bola a cair na grande área adversária e aí os dianteiros caiem, á uma, para obter os tentos do empate. O médio-centro vareiro tem sido incansável, produzindo jôgo que os avançados não aproveitam... porque a defesa aveirense está atenta e alivia.

Marcam-se dois cantos contra *Beira-Mar* que nada resultam. E logo a seguir Décio—que é a sentinela aveirense—recolhe o esférico e passa-o a Maximiano; êste, inteligentemente, chama a si um adversário num *dribling* perfeito; Décio desmarca-se e avançando, recolhe de novo a bola vinda de Maximiano, rematando com pequeno toque a contar: 3-0.

São 18,14. A *Ovarense* volta, de novo, ao ataque, num desespêro compreensível, assediando o terreno aveirense onde Amadeu se distingue. Os interiores vareiros realizam jogadas individuais e obrigam Eduardo, e todos os médios *Beira-Mar*, a um trabalho intenso para desobstrução do seu campo.

Nicolau segura muito bem as investidas do seu lado e serve maravilhosamente a sua asa em passes precisos. Um dêles é aproveitado por J. Pinho que transforma o marcador.

São 18,10. E a primeira parte termina com êste resultado: 4-0, a favor do *Beira-Mar*.

* * *

A segunda parte tem inicio ás 18,30, apresentando a *Ovarense* ligeira transformação na sua linha: Zeferino, avançado-centro, passou a extremo direito, indo êste ocupar o lugar de defesa; por sua vez o defesa direito passou a avançado-centro. E o que é facto é que logo de começo a *Ovarense* tem acentuado domínio que passa depressa.

Estima, sozinho, em frente ás redes cai, sem rematar, por mau piso do terreno que apresenta herva num e noutro sítio.

São passados 20 minutos de jôgo. *Beira-Mar* pareca estar empenhado em segurar o resultado, pois os seus interiores atrasam-se extraordináriamente, permanecendo na defesa... mas Décio está atento e vigia—como lhe cumpre—os defesas contrários, e recebendo a bola avança, enganando Landureza que sai inoportunamente, fazendo o 5.º ponto para o *Beira-Mar*.

A assistência aveirense delira, enquanto os vareiros aparentam serenidade, própria das grandes ocasiões e dos acontecimentos inesperados...

Zeferino tem sido nesta parte um grande trabalhador e aproveitando um falhanço de Diabinho e Nicolau tem um tiro formidavel ás redes de J. Ferreira que a trave devolve e merecia melhor sorte.

Não há dúvida que os homens da *Ovarense* estão ainda convencidos de alcançar a transformação do marcador. Apegam-se mais á luta; entregam-se todos ao ataque.

Mas estava escrito uma derrota igual á de domingo passado, pois ás 19 horas J. Pinho, ante uma indecisão de Landureza, converte o *score* em 6-0.

Aproxima-se o final do encontro. Agora os vareiros pretendem atingir as redes adversárias para o ponto de honra que se lhe escapou por duas vezes. J. Ferreira tem uma ocasião de perigo, executando uma defesa a sôco. Os de Ovar apertam e não descansam. Zeferino choca com Diabinho e êste permanece estendido no rectângulo, interrompendo-se o jôgo por alguns segundos.

Maximiano tem um forte remate á porta vareira que o guarda-redes evita para canto de que resultou um *penalty* que Décio enfia nas redes, sem tempo de Landureza esboçar a defesa. E com o resultado de 7-0, a favor do *Beira-Mar* termina a brilhante jornada de futebol.

As reservas empataram por uma bola.

X.

Os jornais

O decreto a que fizemos alusão no número anterior sôbre várias disposições relativas ao exercício da Imprensa e que foi publicado no *Diário do Govêrno* de 15 do corrente, é precedido dum pequeno relatório justificativo que, álem do mais, diz:

«Acontece, por vezes, que alguns organismos oficiais fazem publicar anúncios em jornais cuja ideologia é oposta à do Estado e que incansàvelmente trabalham por destruir os princípios fundamentais da Constituição Política. Com essa publicação não só auxiliam os inimigos da sociedade e do Estado, como se obrigam indirectamente à leitura de tais órgãos todos os interessados na matéria dos anúncios. Por maior que seja a tolerância das autoridades em face dos que não desejam tomar posição em questões políticas ou daquêles que as versam com critérios divergentes dos do Estado Novo, há limites que não podem ser ultrapassados sem que avulte a falta de lógica dos que governam, o desinterêsse pelas doutrinas que defendem e uma condescendência indesculpável para com aquêles que procuram destruir as próprias instituições. Pelo que todas estas circunstâncias reclamam a intervenção legal, por êste momento se julga oportuna.»

Correspondencias

Oliveirinha, 21

Consta-nos que se acha demissionária a Junta da nossa freguesia composta dos srs. Rafael Simões, Manuel Nunes da Graça e António Simões Paxão.

—A feira que hoje se realizou teve bastante concorrência, fazendo-se, por isso, muitas transações, principalmente em burros.

Se era a feira anual dêles...

Declaração

Maria Marques Vieira, do Marco da Oliveirinha, não se responsabiliza por quaisquer dívidas, que seu marido António dos Santos Carlos, lavrador, do mesmo lugar, contraia sem autorização escrita sua.

Actividade Económica de Angola

—o—

Está publicado o primeiro número da revista trimestral *Actividade Económica de Angola*, que se apresenta excelentemente colaborada e com optimo aspecto gráfico.

Trata-se duma publicação que tem por fim versar com o maior desenvolvimento todos os assuntos económicos, de propaganda e informação referentes áquela nossa rica província ultramarina.

Nêste primeiro número o sumário é o seguinte:

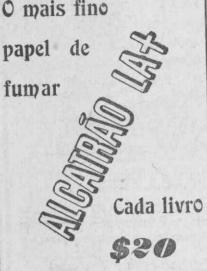
Actividade Económica de Angola—Palavras prévias, pelo capitão Vitor Marques; *Industria do Frio*, por Frederico Bagorro Sequeira; *Os carvões Betuminosos*, por Fernando Mouta; *Plantas Texteis*, por Manuel Nunes Farinha; *Produção e comércio de café*, por José Bento Alves; *Conservas de Peixe*, por Carlos Baptista Carneiro; *Possíveis mercados no continente africano de Angola*, por Antonio Napoleão V. de Sousa e *Produção*, por Augusto de Almeida Campos.

Além dêstes artigos, insere também várias gravuras e gráficos e entre êstes um, curiosíssimo, em que se mostra que, depois das Rodesias, é Angola, nos países africanos inter-tropicais, aquele que maior número de habitantes brancos possui em relação aos indígenas.

Actividade Económica de Angola é, pois, uma publicação digna do maior interêsse e também de grande utilidade para todos os que se ocupam de assuntos coloniais.

Curso de Férias

Abre nesta cidade, logo que terminem os trabalhos escolares do Liceu, para alunos do 1.º, 2.º e 3.º anos de francês, e 4.º e 5.º anos de inglês.

Dirigir à sr.ª D. Olinda Soares, na Rua Homem Cristo (filho).

Propriedades

Vende-se metade da marinha de sal denominada *Os Alforges*, 16 meios, e terreno contíguo ou sejam dois alqueires de semeadura, e duas casas térreas com suas pertenças, tudo situado junto às instalações da *Vacuum Oil Company*, na estrada da Barra.

Igualmente se vende um prédio de 1.º andar, na Rua do Gravito, com dois quintais, tendo os números da policia 13 a 15, onde se acha a hospedaria Prazeres.

Para tratar em Sarrazola com José Maria Marques Pereira e António Ildefonso Dias Pereira.

Necrologia

Em Ilhavo finou-se, há dias, com 74 anos, o sr. Paulo Nunes Guerra, antigo oficial da Marinha Mercante e naquela vila muito estimado, como demonstrou o seu funeral onde se incorporaram muitas pessoas de representação, bem como os bombeiros que conduziram o cadáver na sua carreta.

O extinto deixa viúva e alguns filhos, entre os quais o nosso amigo José Nunes Guerra, escrivão de Direito em Soure.

* * *

Na Amadora também deixou de existir, vitimada por uma lesão cardíaca de que vinha sofrendo, a sr.ª D. Josefa da Conceição Pereira Durão, viúva, de 83 anos e possuidora de predicados que a impunham à consideração das pessoas com quem privava de perto.

Deixa também alguns filhos, um dos quais o sr. tenente Júlio Durão, em serviço no D. R. R. n.º 19.

A's famílias enlutadas, as nossas condolências.

Espingarda de caça

Vende-se barata, marca B. S. A. (inglesa) calibre 12, camaras 70. Falar a Francisco Duarte—Oliveira de Azemeis.

Casa em S. Jacinto

No dia 24 de Maio de 1936 vende-se em praça particular, ás 11 horas, a casa de Manuel João Soares, situada no melhor sítio da Praia.

Professora

de inglês prático e teórico, oferece-se para colégio ou ensino particular.

Dirigir à Casa *Testa & Amadores* — AVEIRO.

Casa de Pasto

Uma das maiores de Aveiro

Trespassa-se

Bem afreguesada, situada em local de muita concorrência e com bons quartos.

Informam as Padarias Melos em Aveiro e Ilhavo.

CASA

própria para restaurante e comércio de vinhos, com todos os requesitos indispensáveis, aluga-se na Rua 5 de Outubro, próximo da Caixa Geral de Depósitos. E' aquela onde negociou muitos anos o sr. Glória.

Para esclarecimentos no escritório do Despacho Central C. P. junto à mesma.

Modista de chapeus

Transforma e confecciona chapeus de Senhora e Criança

Preços módicos

Cândida Pádua e Rocha

Largo do Senhor das Barrocas

AVEIRO

Vêr o anúncio que êste jornal publica do CENTRO COMERCIAL DE AVEIRO L.da.

Automóvel

Vende-se um *Fiat*. Funcionamento garantido. Falar na *Confeitaria Avenida*—Avenida Central—AVEIRO.

Casa

Compra-se uma em bom local de Aveiro ou Costa do Valado, que tenha quintal o mais vasto possível e pôço e que sirva para uma família de 10 pessoas.

Dirigir ao capitão Manuel R. Ferreira, Rua Manuel Soares Guedes, n.º 11 — Lisboa, com todos os elementos de informação e preço até ao dia 27 do corrente e depois desta data em Aveiro, onde poderá ser procurado por intermédio da Redacção dêste jornal, que estará habilitada a indicar a sua morada.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Francês Inglês Alemão

Lecciona estas disciplinas até á admissão á Universidade, indo á casa dos alunos

Dá lições individualmente ou em cursos

Resultados garantidos em pouco tempo.

Dirigir a

J. Danner

Sangalhos

REFERENCIAS: Dr. Joaquim Henriques, dr. Augusto Cunha, dr. Rui Latino e nesta Redacção.

A fechar

Encontram-se duas comadres na rua, uma delas casada com um policia.
—Eu, hoje, quási que vi o seu homem!
—Ora essa! Então viu ou não viu?
—O seu homem não é o 99? Pois eu vi o 98!

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 24 do corrente mez de maio, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e selos que o Magistrado do Ministério Publico nesta comarca move contra Amadeu Rito e mulher, Ana Ferreira, agricultores, residentes na Ponte de Vagos por, apenso á acção sumarissima em que é autora Maria da Luz Naia Pacheco, solteira, maior, comerciante, de Aveiro, e réus os executados, se ha-de proceder á arrematação em hasta pública, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, acima da sua respectiva avaliação, do seguinte predio:

Umas casas e quintal, sitas na Ponte de Vagos, freguesia de Calvão, avaliadas na quantia de 450$00. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e uzarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 14 de Maio de 1936.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara
Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara
João Antonio de Morais Sarmento